

REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO OU REPRESENTAÇÃO CONCEITUAL? UMA INVESTIGAÇÃO EPISTEMOLÓGICA NO ÂMBITO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E DA FILOSOFIA NAS CONSIDERAÇÕES DE DELEUZE E GUATARRI.

Resumen - No domínio da Ciência da Informação a representação do conhecimento se traduz no conceito, ou na representação conceitual, assim, para se organizar estruturas de representação que possam abarcar o mapeamento de um dado domínio, é necessário o uso de métodos que viabilizem a análise conceitual. Busca-se em estudos epistemológicos na Ciência da Informação e na Filosofia o entendimento para análise e formação dos conceitos. Este artigo apresenta os pensamentos de Gilles Deleuze e Félix Guatarri, através da leitura e análise da obra “O que é a Filosofia?” na intenção de encontrar possibilidades do entendimento filosófico sobre conceito. Tal entendimento conceitual é fundamental para a construção de métodos e modelos de análise para representação conceitual, o que foi percebido neste breve estudo. O resultado obtido revela a necessidade de aprofundamento das obras dos autores, principalmente no que tange a contribuição aos estudos teóricos e epistemológicos nos domínios de Organização e Representação do Conhecimento.

Hildenise Ferreira Novo
Mestre em Ciência da Informação
UFF/IBICT
Doutoranda em Difusão do
Conhecimento DMMDC/UFBA
denisenovo@gmail.com

Palabras clave: Representação do conhecimento. Representação conceitual. Teoria do Conceito. Ciência da Informação. Filosofia. Gilles Deleuze. Félix Guatarri.

Knowledge representation and conceptual representation? An epistemological research in Information Science and Philosophy in Deleuze and Guattari considerations.

Abstract - In the Field of Information Science Knowledge Representation translates the concept, or conceptual representation, so for organizing structures of representation that can cover the mapping of a given domain, the use of methods that allow for the conceptual analysis is needed. Search on epistemological studies in Information Science and Philosophy understanding for analysis and concept formation. This article presents the thoughts of Gilles Deleuze and Félix Guatarri, through reading and analysis of the book “What is Philosophy?” Intent on finding possibilities of philosophical understanding of the concept. This conceptual understanding is fundamental to building models and methods of analysis for conceptual representation, which was noticed in this brief study. The result reveals the need for deepening the words of the authors, specially in regard to the theoretical and epistemological contribution in the fields of Knowledge Representation and Organization studies.

Keywords: Knowledge representation. conceptual representation. Concept Theory. Information Science. Philosophy. Gilles Deleuze. Félix Guatarri.

1 INTRODUÇÃO

A chamada sociedade do conhecimento vem democratizando o acesso à informação, exercendo um papel fundamental em suas práticas, o de socialização. Trata-se de considerar a importância da divulgação de pesquisas e ainda do estado da arte de domínios de conhecimento, para compreensão dos percursos e significações atribuídas a elas, pois não existe evolução científica sem a possibilidade de novos olhares sobre o que foi estabelecido nem tampouco uma verdade absoluta.

Apropriamo-nos do conceito de Castells (2005), para definir sociedade do conhecimento como “A sociedade em Rede”, a sociedade constituída por indivíduos que são capazes de alcançar todas as esferas de atividades humanas, provocando novas relações e principalmente facilitando o acesso e uso da informação de forma a atingir a todos os cidadãos que necessitam de informação.

Além disso, a comunicação em rede transcende fronteiras, a sociedade em rede é global, é baseada em redes globais. Então, a sua lógica chega a países de todo o planeta e difunde-se através do poder integrado nas redes globais de capital, bens, serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia. (CASTELLS, 2006, p. 18)

Nessa perspectiva, e com o avanço das tecnologias digitais, a Difusão do Conhecimento (DC), entendida como campo de conhecimento vêm se articulando com outros campos com o intuito de colaborar na organização e gestão do conhecimento principalmente com a preocupação de compartilhar e socializar conhecimento. Estudiosos do campo da DC como Andrade; Ribeiro e Pereira, enfatizam:

A produção científica contemporânea reporta às bases da constituição de sobrevivência de qualquer grupo social em qualquer tempo e lugar, e se relaciona com os processos de criação, organização, gestão, difusão e controle do conhecimento que desafiam nossa compreensão de como se relacionam esses processos com a complexidade cultural de fatores que envolvem compartilhamento entre grupos de pesquisa e pesquisadores no interior das universidades, que hoje enfrentam uma série de determinação e rupturas sociais, culturais, políticas e econômicas ligadas a varias perspectivas epistemológicas acerca dos meios de comunicação .

Desse modo, são muitas as contribuições para questões relacionadas à difusão do conhecimento, dentre elas a representação, objeto deste artigo, que pretende trazer para

discussão o ponto de vista conceitual, entendido a partir de perspectivas da Ciência da Informação e da Filosofia, buscando um caminho epistemológico que possa através das observações desses domínios, contribuir para o entendimento das questões relacionadas à representação conceitual.

Este deslocamento para o plano epistemológico permite o contato com estudos de dois domínios, buscando entender sua natureza e limitações que estruturam métodos e os validam, credenciando uma possibilidade teórica para o estabelecimento de práticas de representação.

Assim, a intenção deste trabalho é abordar a temática da representação da informação e do conhecimento, demonstrar a importância do entendimento conceitual no olhar da abordagem teórica utilizada por cientistas da informação e apresentar as considerações de Deleuze e Guatarri (2010) em seus questionamentos sobre “O que é Filosofia?” Mesmo quando se sabe que Deleuze e Guatarri, negaram a representação como evidenciado em obras como: “Diferença e repetição” e “Mil platôs”.

2 REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO

No contexto da ciência e da pesquisa, a representação se estabelece com o intuito de formalização, difusão e disseminação da informação, dando oportunidade a comunidade científica de divulgar ideias e práticas, saindo de seu isolamento habitual.

Não existe uma única possibilidade de representação, pois os contextos mudam de acordo com propósitos estabelecidos para cada momento. A representação é um processo mental pelo qual o indivíduo busca o significado, descrevendo o que deve ser representado e designado, onde a relação sujeito X objeto se estreita para que se possa alcançar a interpretação do mundo a ser representado. Representar significa em outras palavras modelar conceitualmente, nas colocações de Gil:

Em todas as formas de representação uma coisa se encontra no lugar da outra, representar significa ser o outro dum outro que a representa, num mesmo movimento, convoca e revoca. Reteremos esta significação como uma determinação mínima. O representante é duplo do representado. E é por aí que a

representação se designa como formando o cerne do pensamento. (GIL, 2000, p.12)

No âmbito da Ciência da Informação, que tem como foco a investigação do comportamento, fluxo e meios de processamento da informação com a finalidade de acesso e uso, a representação da informação e do conhecimento (RI e RC) despertaram investigações acerca do papel que elas exercem para a disseminação dos conteúdos produzidos nos mais variados contextos e domínios. Embora estejam relacionadas a RI e RC possuem características e funções próprias, sendo assim cabe definir cada uma delas.

A RI trabalha com as questões de acesso à informação que se delimitam nas características documentais de conteúdo e forma, tais como: autoria; título; assunto e dados de imprensa da publicação. Objetiva a recuperação e acesso ao objeto representado. Sobre objeto e registro, Brascher e Café complementam:

No contexto da OI [organização da Informação] e da RI [Representação da Informação], temos como objeto os registros de informação. Estamos, portanto, no mundo dos objetos físicos, distinto do mundo da cognição, ou das ideias, cuja unidade elementar é o conceito. (BRASCHER; CAFÉ, 2008, p.5)

Enquanto a RC prioriza o conteúdo informacional estabelecido por relações conceituais onde encontramos uma interligação com a classificação das ciências e a abordagem terminológica, fundamentada nas apropriações conceituais que os domínios de conhecimento provocam. Brascher e Café clarificam:

No caso da representação do conhecimento, a representação construída não se restringe ao conhecimento expresso por um autor, ela é fruto de um processo de análise de domínio e procura refletir uma visão consensual sobre a realidade que se pretende representar. A representação do conhecimento reflete um modelo de abstração do mundo real, construído para determinada finalidade. (BRASCHER; CAFÉ, 2008, p.6)

Na representação do conhecimento existe ainda a abordagem terminológica, entendida através da “Teoria Geral da Terminologia”, proposta por Eugen Bernhard Casper Wüster, que segundo Gomes, Campos e Guimarães (2010) é definida pelo seu criador como um campo interdisciplinar da linguística, lógica, ontologia, ciência da informação e áreas especializadas. Sobre os princípios da teoria de Wüster as autoras afirmam:

Para a criação de instrumentos de controle terminológico voltados para a organização da informação em sistemas de recuperação de informação, a Teoria de Wüster tem aspectos que devem ser considerados. Ao adotar o conceito como unidade de organização da terminologia, Wüster introduz a noção de sistema de conceitos na elaboração de terminologias, devendo-se ter em conta, porém, que esta noção não implica, segundo sua Teoria, numa sistematização global, mas apenas em relação a um conjunto de termos ligados semântica, lógica ou onticamente. Não se encontra em sua Teoria qualquer orientação para uma apresentação sistemática global, ou seja, dedicada a um dado domínio, como um todo. (GOMES; CAMPOS; GUIMARÃES, 2010, não paginado).

Esta investigação está pautada na representação conceitual, nas considerações de Dahlberg (1978), em sua Teoria do Conceito ou Teoria Analítica do Conceito, cujo objetivo se baseia nos fundamentos da análise conceitual que digam respeito à padronização de termos, para a autora os conceitos são “unidades de conhecimento”. Ou ainda,

[...] sínteses rotuladas de afirmações verdadeiras feitas a respeito de objetos do pensamento, com afirmações-predicações conduzindo à identificação ou à separação das características dos conceitos que também podem ser vistas como elementos dos conceitos. (1978, p. 88).

Pesquisas no âmbito da CI há muito vêm se preocupando com estudos de representação do conhecimento e análise conceitual. Autores contemporâneos, como: Almeida; Bax (2003); Café; Brascher (2008); Campos (2004); Gruber (1996); Smith (2003), dentre outros, desenvolveram e desenvolvem estudos de taxonomias e ontologias, por conta da necessidade de recuperar informações na web.

Estudos de natureza semelhante aos realizados pelos autores citados são importantes para os campos da Organização e Representação do Conhecimento, pois sabemos que nem sempre as informações que estão disponíveis nos repositórios da rede, possuem um controle no vocabulário, necessitando de um tratamento hierárquico, partitivo e associativo, para que os termos usados pelos domínios de conhecimento possam ser controlados, de forma a facilitar o uso.

Dentre algumas estruturas de organização do conhecimento, que combinam estudos de linguagens, metodologias e ferramentas, estão as taxonomias, os tesouros, as ontologias e as redes semânticas. Essas estruturas buscam organizar conteúdos advindos dos domínios

de conhecimento, criando regras para combinar, relacionar e organizar os conceitos que surgem ou se articulam nesses domínios.

As taxonomias e ontologias, só são construídas através das categorizações e relações associativas dos conceitos encontrados nos domínios de conhecimento, essas relações são lógicas e ontológicas, e necessitam de uma formalização para o uso do conceito, assim estudos epistemológicos sobre conceitos devem ser abordados para um melhor procedimento quando da formulação de métodos e metodologias para a organização dessa abordagem.

Dentro desta ótica na sequência, está sendo apresentado um tópico específico para conceito no entendimento da representação do conhecimento, para em seguida demonstrar o ponto de vista filosófico da obra analisada: “O que é a Filosofia?”

3 O CONCEITO PARA REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO

Por vezes quando conceituamos um objeto, estabelecemos a ele informações factuais e por isso o generalizamos, o que é natural, pois um indivíduo apreende um fato, por ter tido informação sobre ele. No entanto, essa informação apreendida, não se aplica a toda uma categoria desta realidade, mas apenas a uma realidade singular e quando generaliza através da sua percepção mental podem exprimir, uma infinidade de conteúdos sobre um objeto como qualidades e relações. Para designar um conceito não basta nomeá-lo através de palavras, é preciso dar um significado a ele, explicando-o de acordo com a realidade de um contexto.

Para conceituar, se faz necessário, elaborações a partir de experiências associadas, partindo do contato com o objeto ou uma situação no qual o conceito se revela. Para tanto algumas relações precisam ser elaboradas como: generalização; diferenciação; abstração e simbolização. Tais relações foram apresentadas em obra de Maria Luiza de Almeida Cunha Ferreira (1967), intitulada: “Formação e desenvolvimento de conceitos”. Na qual está pautada a abordagem dessas relações neste artigo e que norteou a intenção discursiva aqui apresentada.

A generalização se caracteriza por entender como o objeto a ser representado tem uma aplicação dentro de uma categoria, essa categoria pode ser estabelecida por: objetos concretos, qualidades, relações, dentre outras características.

A diferenciação se aplica quando o indivíduo é capaz de possuir um conceito e discerni-lo de sua forma geral, estabelecendo significados que permitam deduzir relações de: diferença, semelhança, causa e efeito e outras. Só assim podem diferenciá-los.

Na Abstração o indivíduo aplica o conceito dentro de uma determinada realidade, considerando um aspecto do objeto, desligando-o de outras características. Quando isso não ocorre, e ele não se afasta da representação presenciada em sua primeira experiência com o objeto, a utilização do conceito será imprecisa quando aplicá-lo em contextos diferenciados.

Não é objetivo neste artigo uma abordagem aprofundada do tema, apenas apresentar alguns pontos de vista, da compreensão conceitual, principalmente em relação ao objeto, sua percepção e apreensão. Campos (2001) corrobora com esta ideia quando coloca:

[...] é a partir da formação dos conceitos que se vai produzir na mente do ser humano um quadro de identidade com o mundo que o cerca. Em um momento posterior à formação dos conceitos, isto é, a partir da existência de um padrão conceitual já estabelecido, pode ocorrer a assimilação de novas experiências o que leva ao que Ranganathan denomina de apercepção. O conjunto destas apercepções depositadas na memória se dá, então a partir dos conceitos já presentes na memória, com o acréscimo da assimilação de perceptos recentemente recebidos e conceitos recentemente formados. (CAMPOS, 2001, p.39)

Outro fator importante a observar diz respeito ao símbolo, ou a designação de um signo. O que está relacionado a significado e a realidade em que o conceito se organizará, onde as ideias poderão ser comunicadas, onde o objeto pode ser entendido com suas particularidades e relações que estarão subentendidas. Para tanto é preciso se ter um conjunto de fatores intrínsecos ao ato de simbolização como: a experiência vivida, a percepção do objeto, a imaginação, memorização, generalização, abstração e diferenciação.

Os signos são representações que dependem das estruturas mentais, sociais e culturais do sujeito e podem ser interpretados. Nas concepções de Simões, (2002, p. 139)

“[...] são sinais que podem ser interpretados por evocarem algo que ali não está e que, por isso, representam. Nessa perspectiva, o signo faz-se notar como *representamen*”.

Nessa perspectiva, o signo faz-se notar pela representação. Essa representação é simbólica e se configura através da linguagem e a linguagem humana depende das palavras que carregam inúmeros significados conceituais a depender do contexto que se expressam e que são traçados por uma rede conceitual.

Um mesmo conceito pode ser aplicado em diferentes contextos informacionais, pois se estabelece em domínios de conhecimentos e nesses domínios foram submetidos a outros significados e relações, próprias da ideia de apropriação e estabelecimento, pois está sendo aplicado a outras situações e aliando-se a outros conceitos. Conserva algumas características próprias, mas filiados a outros sistemas de ideias.

O trabalho com conceito requer o conhecimento do contexto (domínio), assim como o conhecimento da linguagem, vocabulário e sintaxe, ambos pertinentes para a comunicação humana que se expressa pela linguagem natural, portanto através de representações intuitivas e abstratas. O conceito está sendo apresentado neste artigo como pertencente à classe da representação abstrata, onde um conceito tem uma parte do que é pensado em outro.

Partindo desta primeira análise, percebe-se a importância do entendimento filosófico sobre conceito. Foram eleitos dois autores que trabalham no âmbito da filosofia e que embora não corroborem com a ideia de representação e significação estabelecida no contexto da Ciência da Informação instigou-me a entender como se estabelece a ideia do conceito para pensadores como Deleuze e Guatarri.

Esses pensadores em “Mil platôs”, 1995, evidenciaram um pensamento rizomático de relações infinitas e múltiplas possibilidades e que parece tão interessante quando aplicamos a ideia das relações associativas entre conceito nos diversos domínios de conhecimento. Assim apresenta-se aqui uma pergunta para uma próxima investigação: Não seria uma

possibilidade de representação, como apresentada por Shiyali Ramamrita Ranganathan, teórico da classificação e sua visão policotômica das relações conceituais?

Não é objetivo de investigação neste artigo abordar a questão rizomática da representação, pois a temática merece um maior aprofundamento. Mas vale ressaltar que os estudos na área de organização do conhecimento devem caminhar no sentido epistemológico e teórico aproximando-se das bases filosóficas.

4 A CONCEPÇÃO FILOSÓFICA DO CONCEITO NAS CONSIDERAÇÕES DE DELEUZE E GUATARRI NA OBRA “O QUE É A FILOSOFIA?”

A fundamentação da representação temática da informação se pauta na Filosofia, porque é nela que se fundamentam as relações: existência, conhecimento, valores, linguagem dentre outros aspectos, do ponto de vista racional.

Embora não se comprometa com procedimentos empíricos, a Filosofia possui uma abordagem fundamental para a representação da informação e do conhecimento, quando se pauta nas questões da lógica, das experiências advindas do pensamento e principalmente da análise conceitual. Assim, a discussão do ponto de vista de Deleuze e Guatarri, como uma possibilidade instigante de pensamento e de contraponto ao que estabelecemos na área da representação é sempre importante.

Em Deleuze e Guatarri (2010, p. 8), quanto à “questão d’O que é filosofia?” a relação com o conceito se estabelece quando “[...] a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”. Todavia trazem para a baila o personagem conceitual, pois segundo eles “contribuem para sua definição” e ainda o plano de imanência, ou movimentos infinitos de conceitos. Nas concepções dos autores (p. 45) “a filosofia é um construtivismo, e o construtivismo tem dois aspectos complementares: criar conceitos e traçar um plano”.

Na criação de conceitos existe segundo Deleuze e Guatarri (2010, p. 14) um “batismo” filosófico e de início os conceitos “[...] são e permanecem assinados, assim: substância de Aristóteles cogito de Descartes, mônada de Leibniz, condição de Kant, potência de Schelling, duração de Bergson...” esta visão dos autores evidencia uma crítica a

esses filósofos, para eles existem uma atitude de “pressupostos subjetivos”, e não são objetivos. Seria então uma negação ao senso comum?

Se os conceitos são inventados, criados, mesmo que sejam por intensidade do pensamento, então possuem uma singularidade, assim os autores, na obra analisada (p.13-14) trazem a concepção de “Nietzschiana” e declaram os autores: “[..] que não se conhece nada por conceitos se não os tiver de início criado pelo menos um plano, no construtivismo o plano é que lhe dá uma existência autônoma”.

Não podemos deixar de apontar que na representação conceitual trabalhamos com questões relacionadas, ou seja, de como os conceitos manifestam-se nos diferentes domínios de conhecimento e respondem a um determinado problema. Para Deleuze e Guatarri, até mesmo na filosofia só se cria conceitos em função dos problemas o que chamam de pedagogia do conceito.

Em toda parte encontramos o mesmo estatuto pedagógico do conceito: uma multiplicidade, uma superfície ou volume absolutos, auto-referentes, compostos de uns certos números de variações intensivas inseparáveis segundo uma ordem de vizinhança, e percorridos por um ponto em estado de sobrevoo. O conceito é o contorno, a configuração, a constelação de um acontecimento por vir. Os conceitos, neste sentido, pertencem de pleno direito à filosofia, porque é ela que os cria, e não cessa de criá-los. O conceito é evidentemente conhecimento, mas conhecimento de si, e o que ele conhece é o puro acontecimento, que não se confunde com o estado de coisas no qual se encarna. (DELEUZE; GUATARRI, 2010, p.42)

O conceito filosófico não se refere ao vivido, por compensação, mas consiste, por sua própria criação, em erigir um acontecimento que sobrevoe todo o vivido, bem como qualquer estado de coisas. Cada conceito corta o acontecimento, o recorta a sua maneira. (DELEUZE; GUATARRI, 2010, p.43)

No corte ou recorte dos acontecimentos as relações conceituais se ordenam de acordo com sua vizinhança, para Deleuze e Guatarri (2010, p. 28) “o conceito é uma heterogênese, isto é, uma ordenação de seus componentes por zonas de vizinhança. É ordinal, é uma intensão presente em todos os traços que o compõem”.

O conceito é o acontecimento com sua infinitude, assim o é para a filosofia, no caso da ciência da informação apresenta-se como uma unidade mínima do conhecimento estabelecida em um determinado domínio, para fins de representação, e essa representação

se dá através de relações entre os conceitos, pois um conceito é parte de um todo e esse todo é uno, um conceito não pode ser compreendido isoladamente de seu contexto, mas de forma integrada a abordagem temática.

Na obra de Deleuze e Guatarri encontramos o plano de imanência, ou segundo os autores “o único suporte do conceito” assim pensamos que o plano é verdadeiramente útil para entendermos as relações conceituais que trabalham com movimentos, esses movimentos dependem de como o conceito é pensado e se estabelece nos domínios de conhecimento quando o empirismo os cria e nesta criação existe um movimento infinito de todo-uno. Assim, para Deleuze; Guatarri (2010, p. 48) “O que define o movimento infinito é uma ida e volta, porque ele não vai na direção de uma destinação sem já retornar sobre si, a agulha sendo também o polo”.

O plano de imanência, portanto seleciona os movimentos sem que se perceba o uno-todo, pois o entendimento do conceito que remete a outro, não se evidencia no plano, já que os próprios conceitos garantem um entendimento não conceitual, mas como abordado na obra de Deleuze e Guatarri, o plano deve ser considerado um estado “pré-filosófico”, o entendimento do conceito assim está pré-suposto. Se os conceitos nascem no empirismo e no movimento do pensamento, para os autores “o plano de imanência é como um corte no caos”.

O plano de imanência toma do caos determinações, com as quais faz seus movimentos infinitos ou seus traços diagramáticos. [...] Cada plano de imanência é uno-todo: não é parcial como um conjunto científico, nem fragmentário como os conceitos, mas distributivos, é um, „cada um..” (DELEUZE; GUATARRI, 2010, p.62).

Outro aspecto importante tanto na filosofia quanto na representação do conhecimento e que diz respeito ao conceito se encontra da percepção do “personagem conceitual” que o cria ou nos “agentes de enunciação”.

Os personagens conceituais constituem os pontos de vista segundo os quais planos de imanência se distinguem ou se aproximam, mas também as condições sob as quais cada plano se vê preenchido por conceitos do mesmo grupo. (DELEUZE; GUATARRI, 2010, p.92)

Na representação se pretende conceituar para dar conta do conhecimento que nasce nas ciências, no entanto como avaliado por Deleuze e Guatarri:

A ciência não tem por objetivo conceitos, mas funções que se apresentam como proposições nos sistemas discursivos que se chamam functivos. [...] Mais ainda, um conceito pode tomar por componente os functivos de toda função possível, sem por isso ter o menor valor científico, mas com a finalidade de marcar as diferenças de natureza entre conceitos e funções. (DELEUZE; GUATARRI, 1992, p.139)

Mas como em qualquer domínio de conhecimento o que é reproduzido nele está ali individualizado, mesmo estando associado a outro. Deleuze e Guatarri (2010, p.188) enfatizam: “o conceito tem uma potência de repetição, que se distingue da potência discursiva da função”. Os autores por fim afirmam (2010, p. 254), “cabe, pois a ciência por em evidência o caos, no qual mergulha o próprio cérebro, enquanto sujeito do conhecimento.” Sendo uno ou múltiplo o conceito, depende de um plano seja ele filosófico ou científico, de funções do conhecimento e de personagens conceituais que os caracterizam num dado domínio, num dado recorte.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ciência da Informação entende o conceito como uma unidade do conhecimento que possibilita a sua representação e garantem o acesso as informações estabelecidas nas pesquisas oriundas dos domínios de conhecimento, pois os conceitos se estabelecem a partir das relações conceituais de um determinado domínio que se articulam na integração infinita de um movimento inter, multi e transdisciplinar.

Os conceitos de um domínio possuem uma carga de relações complexas, devido aos mais variados conceitos que se interligam inderdisciplinarmente através da teia de contextos disciplinares. Existe, portanto a necessidade de um olhar sistêmico na organização do conhecimento, onde conceitos não podem ser entendidos isoladamente, mas a partir de uma perspectiva dos diferentes níveis que se integram.

A representação conceitual evolui do simples para o complexo por uma acumulação de propriedades do conceito, ou ainda por influência do ambiente em que se estabelece. Cada conceito possui uma parte ou partes integradas que formam uma entidade inteira, mas

as relações entre as partes são tão importantes quanto às partes dela, e quando reunidas nas relações, uma nova entidade emerge.

Os modos de formação dos conceitos ou de representações conceituais são estabelecidos por estruturas sistêmicas como estabelecidas por Ranganathan em sua Teoria da Classificação Facetada: corta-se um universo de entidades em partes que tenham posição coordenada; constroem-se então uma superposição de faceta sobre faceta; diminui-se a extensão e aumento da intensão de uma ideia isolada, formando cadeias; reúnem-se ideias isoladas e através da superposição ligam-se duas ou mais ideias isoladas pertencentes ao mesmo universo de ideias isoladas.

Na leitura da obra de Deleuze e Guatarri (2010, p.8), percebe-se que a intenção é demonstrar que a Filosofia é “a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos.” A formação dos conceitos se dá por um processo construtivista, onde alguns componentes são necessários como o plano de imanência onde as relações conceituais se estabelecem para compor o movimento infinito e dinâmico do universo do conhecimento. O plano é traduzido na mesma obra, (2010, p.46) como “máquina abstrata, e aos conceitos criados como peças da máquina”.

Os autores abordam a importância dos agentes de enunciação ou personagens conceituais, pois são eles que garantem as proposições dos discursos possíveis que se articulam nos domínios, e nos acontecimentos.

Quando Deleuze e Guatarri afirmam que o conceito é criado na filosofia os autores não esgotam o tema, e acreditamos que nenhum tema possa ser esgotado. De qualquer modo não podemos dizer que as argumentações são totalmente consistentes, pois se a criação de conceitos é um processo de construção, porque não podem nascer no âmbito de outros domínios de conhecimento?

Encontramos na epistemologia das duas áreas possibilidades e contribuições para a construção de teorias e métodos de análise que fundamentam estruturas de representação conceitual ou de representação do conhecimento.

Convém, por fim apresentar uma questão para pesquisas futuras: Representação do conhecimento e Filosofia: uma abordagem possível de possibilidades integrativas ou seria de construções interdisciplinares?

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. B.; BAX, M. P. Uma visão geral sobre ontologias: pesquisa sobre definições, tipos, aplicações, métodos de avaliação e de construção. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 7-20, set./dez. 2003.

ANDRADE, Maria Teresinha Tamanini; RIBEIRO, Núbia Moura; PEREIRA, Hernane Borges. Um estudo sobre a difusão e o compartilhamento do conhecimento na cultura acadêmica. IN: CONGRESO ISKO-ESPAÑA, 9, Valencia, 2009. **Anais...** Valencia: ISKO, 2009.

BRASCHER, Marisa; CAFÉ, Ligia. Organização da informação ou organização do conhecimento? In: ENANCIB, 9, 2008, Salvador. **Anais...** Salvador, 2008.

CAFÉ, L.; BRASCHER, M. Organização da informação ou organização do conhecimento?. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANCIB/USP, 2008.

CAMPOS, M. L. A. Modelização de domínios de conhecimento: uma investigação de princípios fundamentais. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 33, n. 1, p. 22-32, jan./abr. 2004.

_____. **A organização de unidades de conhecimento em hiperdocumentos: o modelo conceitual como espaço comunicacional para a realidade da autoria.** Rio de Janeiro, 2001. Tese (Doutorado) em Ciência da Informação, UFRJ/ECO/IBICT, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação.** Economia, Sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (org). **A Sociedade em rede: do conhecimento a ação política.** Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 2006.

DAHLBERG, Ingetraud. Knowledge organization: its scope and possibilities. **Knowledge Organization**, v.20, n.4, 1993.

_____. **Ontical structures and universal classification.** Bangalore: Sarada Ranganathan Endowment, 1978.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição.** Tradução Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **O que é filosofia?** 3. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FERREIRA, Maria Luiza de Almeida Cunha. **Formação e desenvolvimento de conceitos.** Rio de Janeiro: Editora Nacional de Direito, 1967.

GIL, Fernando. Representar. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Conhecimento. [s.l.]: imprensa Nacional, p.11-51, v.41, 2000.

GOMES, Hagar Espanha; CAMPOS, Maria Luiza Campos; GUIMARÃES, Ludmila dos Santos. Organização da Informação e Terminologia: a abordagem onomasiológica. **DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação**, v.11, n.5 out/10 ARTIGO 03.

GRUBER, T. What is na ontology? 1996. Disponível em:<<http://www-ksl.stanford.edu/kst/what-is-na-ontology.html>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

NIETZSCHE. Paris: PUF, 1965.

NIETZSCHE et la philosophie. Paris: PUF, 1963.

NOVO, Hildenise Ferreira. **A elaboração de taxonomia**: princípios classificatórios para domínios interdisciplinares. Niterói, 2007. Dissertação (mestrado) em Ciência da Informação. UFF/IBICT, 2007.

RANGANATHAN, S. R. **Prolegomena to Library Classification**. **Bombay**: Asia Publishing House, 1967.

SIMÕES, Darcilia. Comunicação em tempos de crise: signos em intercâmbio. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. **Língua e transdisciplinaridade**: rumos conexões, sentidos. São Paulo: Contexto, 2002.

SMITH, B. Ontology. In: FLORIDI, L. **Blackwell guide to the philosophy of computing and information**. Oxford: Blackwell, 2003. p.155-166. Disponível em: <http://ontology.buffalo.edu/smith/articles/ontology_pic.pdf>. Acesso em: 21 jul 2013.

WÜSTER, E. L'Etude scientifique générale de la Terminologie, zone frontalière entre la Linguistique, la Logique, l'Ontologie, l'Informatique et les Sciences des Choses. In: RONDEAU, G.; FELBER, H. (org.) **Textes choisis de Terminologie. I. Fondements théoriques de la terminologie**. Québec, GIRSTERM, 1981, p. 57-114.